

A TECNOLOGIA COMO MEDIADORA DAS INTERAÇÕES HUMANAS

Marcus Petrônio Fernandes Iglesias
Universidade Federal de Pernambuco
mpetronio_ead@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente artigo pretende discutir como as interações entre as pessoas à distância sempre dependeu da mediação da tecnologia, desde as mais simples e rudimentares, como as pinturas rupestres, às mais complexas e sofisticadas, como as mídias e a Internet. O termo *tecnologia* tem aqui sua significação ampliada, entendendo-se como tal todos os meios que servem para levar informação ao homem. A dúvida reside em saber até que ponto a comunicação entre os homens, mediada por algum tipo de tecnologia, vem afetando a natureza do conceito de “humano”.

Palavras-chave: Interação, Tecnologia, Comunicação, Mediação

ABSTRACT:

The following article want to discuss the interactions between people using different technologies, from the most simple and rudimentary to the most complex and sophisticated ways. It analyzes various technologies from the cave paintings until the advent of the Internet and the implications that these media have in the interpersonal relationships and the ways to learn and see the world. The word technology has broadened the meaning, all means used to bring information to the people are considered as technology. The doubt is to know if technological mediated communication is affecting the nature of the concept of “human”.

Keywords: Interaction, Technology, Communication, Intercession

Introdução

Neste artigo, será analisado a relação do homem com seus semelhantes utilizando para este fim meios tecnológicos, que não impliquem uma conversação face a face e proximal. É senso comum acreditar que a tecnologia é um meio eletrônico ou um equipamento sofisticado, entretanto, ao longo deste artigo, tentaremos desmistificar essa idéia e verificar como o homem, ao longo de sua história, comunicou-se e comunica-se com seus pares, sem que seu(s) interlocutor(es) esteja(m) fisicamente presentes, utilizando-se para tal propósito várias tecnologias. Para que essa interação ocorra é necessário algum tipo de tecnologia. Antes de continuarmos, seria interessante conceituarmos o termo “tecnologia” e para que ela se presta neste artigo.

A tecnologia é, de uma forma geral, o encontro entre a ciência e a engenharia. Sendo um termo que inclui desde ferramentas e processos simples, tais como colher de madeira e a fermentação da uva respectivamente, até as ferramentas e processos mais complexos já criados pelo ser humano...⁴⁷

⁴⁷ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia>

Ora, fica evidente que o termo supramencionado é muito mais amplo do que se possa imaginar. Nesta pesquisa, será percorrido, através dos primórdios da humanidade, como o homem conseguiu solucionar determinados problemas ou dificuldades de interações, utilizando-se para este mister vários meios que dispensassem interações face a face, que se observa desde pinturas rupestres até uso de sofisticadas mídias.

No final desta jornada, espera-se responder a seguinte pergunta: Seria a tecnologia, como ferramenta de comunicação, um fenômeno do pós-humano?

Descendo das árvores



Quando o homem “desceu das árvores” e teve sua cauda “arrancada pela evolução”, ele procurou se refugiar das intempéries da natureza e das ameaças dos predadores nas cavernas, buscando uma nova adaptação ao meio ambiente. Assim, passou a conviver em grupos, organizando-se socialmente. A primeira tecnologia para a comunicação entre humanos, por isso, talvez tenham sido as pinturas rupestres. Datadas do período Paleolítico Superior, as pinturas rupestres são representações pictóricas gravadas nas paredes e tetos de cavernas ou de superfícies rochosas ao ar livre. Essas pinturas remontam há 40.000 A.C.⁴⁸

⁴⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_rupestre



Já havia no homem primitivo o desejo de expressar-se através da arte, de simbolizar o que lhe era conhecido, de demonstrar seus sentimentos. Aqueles que contemplavam a arte rupestre eram levados a compreender o seu mundo, entretanto a comunicação que era feita para seus contemporâneos é tão representativa que 40.000 anos depois ainda comunica, simboliza, sensibiliza e representa aquele mundo a nós: homens e mulheres do século XXI.

Um sinal de fumaça



O sinal de fumaça é, ao mesmo tempo, o meio e a mensagem. No imaginário popular, seria uma das primeiras e mais criativa e eficiente linguagem que, antecipando a comunicação de massa, mostrou-se ótima para longas distâncias. Se há fumaça há fogo, ou melhor, há uma mensagem que alguém deverá decodificar.

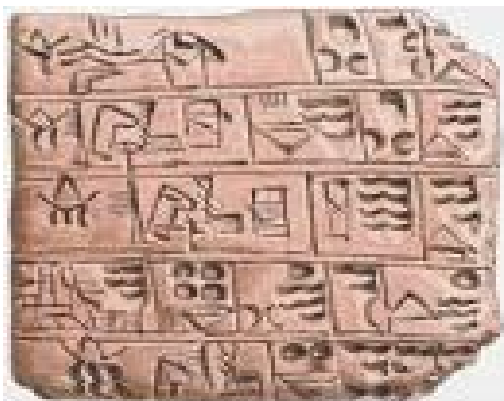
Concomitantemente ao uso da fumaça para comunicação a distância, os homens também utilizavam os tambores, a fim de informar sobre fatos que ocorriam em suas aldeias ou tribos. Em geral, a comunicação seja através de fumaça ou por instrumento de percussão, transmitiam a outras comunidades grandes acontecimentos como guerras, invasões, mortes, cerimônias...



A humanidade primitiva utilizou esses meios de expressão momentânea que ainda subsistem entre alguns povos: o tambor utilizado na África Ocidental e na Melanésia para transmitir notícias rapidamente em código sonoro, ou a linguagem dos gestos e das mãos que subsiste entre os índios da América do Norte e os chineses. Esses gestos de mão por vezes forneceram modelos para os sinais ideográficos da escrita. A disposição ou o envio de objetos, grãos, tochas, penas ou flechas também se tornaram meios de expressão simbólica e o são até hoje na Malásia ou na África Central... Todas as civilizações primitivas, da Escandinávia antiga até a Austrália, também utilizaram os bastões entalhados como mensagem ou como meio mnemotécnico. Higounet (2004:13).

E os fonemas se fizeram letras

Não se pode negar que a História da humanidade é dividida em antes e depois da escrita. Os homens tinham a linguagem falada, comunicavam-se sem problema com seu semelhante, as histórias eram contadas de geração em geração em função da capacidade de memorizar as mitologias, as crenças, as histórias de seu povo e de suas linhagens. Mas o que seria a escrita?



Segundo a definição de um dos nossos mais eruditos mestres, a escrita é, acima de tudo, “um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia”. Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos. Higounet (2004: 9).

Sem querer entrar no mérito da questão língua falada versus língua escrita, até por que cada modalidade tem sua especificidade e importância, observamos que a escrita transforma-se em uma fabulosa tecnologia, a fim de transmitir informações sem a presença do escritor. Os textos poderiam ser escritos por uma pessoa e ser lido por uma quantidade de leitores ilimitados. Além disso, a escrita permitiu que os textos fossem escritos não apenas para seus contemporâneos, mas para gerações futuras. Assim a escrita surge como uma poderosa tecnologia com finalidades comunicativas.

Os primeiros a usar mão dessa tecnologia utilizaram diversos suportes, a fim de que seus textos fossem lidos.

Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro “material subjetivo”, com auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba, seja fazendo incisões, com um estilete, seja com um produto colorante. Higounet (2004:15)

Dos sumérios a Guttenberg

Os sumérios foram os primeiros a utilizar a tecnologia da escrita a fim de transmitir informações a seus contemporâneos. Vejamos mais uma vez a palavra de Higounet sobre o assunto:

A escrita cuneiforme, inventada pelos sumérios, é o mais antigo sistema de escrita que conhecemos atualmente por meio de documentos. O termo “cuneiforme”, que significa em forma de “cunha”, caracteriza seu aspecto exterior anguloso. Higounet (2004: 29).

Os sumérios viviam na Mesopotâmia nos milênios IV e III antes de nossa era. A escrita passou assumir várias formas até as que conhecemos hodiernamente. A Idade Média foi o

período em que vários textos eram copiados manualmente, entretanto a difusão de textos era circunscrita a poucos: religiosos, realeza, nobres... Foi com a invenção da imprensa, ou como afirmam alguns estudiosos, o aperfeiçoamento da prensa móvel por Johannes Guttenberg que a escrita começou a se popularizar. Livros como a bíblia começaram a ser impressos e outras pessoas fora da esfera dos paços puderam ter acesso a leitura, aos livros e conseqüentemente a um conhecimento sistematizado.



Alô, quem fala?

Novas tecnologias surgem para aproximar pessoas que se encontravam distantes, o telefone foi uma dessas invenções que modificou o modo de as pessoas interagirem, a longas distâncias, sincronicamente. No século XIX, Alexander Graham Bell inventa o telefone. Bell, também, inventa o telégrafo harmônico que visa, assim como o telefone, a transmitir informações a longa distância.



O rádio foi e continua sendo um excelente meio de comunicação de massas: informação, entretenimento, música fazem parte do cardápio desta mídia que foi, por alguns, considerada superada com o advento da televisão, entretanto essa previsão apocalíptica não se cumpriu. O rádio continua sendo um fabuloso meio de comunicação entre pessoas.



A televisão, entretanto, encontra-se em franca evolução: das válvulas à televisão digital essa mídia oferece recursos inimagináveis: interatividade seria a palavra-chave para essa revolução digital que recentemente chegou ao Brasil e promete mudar os hábitos de nossa sociedade, haja vista tal mídia poder ser acessada em um celular em qualquer lugar do nosso território com definição de imagem que beira a perfeição.

O homem, assim, reinventa-se na maneira de interagir-se com seu semelhante: ele terá a possibilidade de opinar sobre o que está passando na telinha, escolher produtos e comprá-los. Tudo isso a serviço do capitalismo digital.

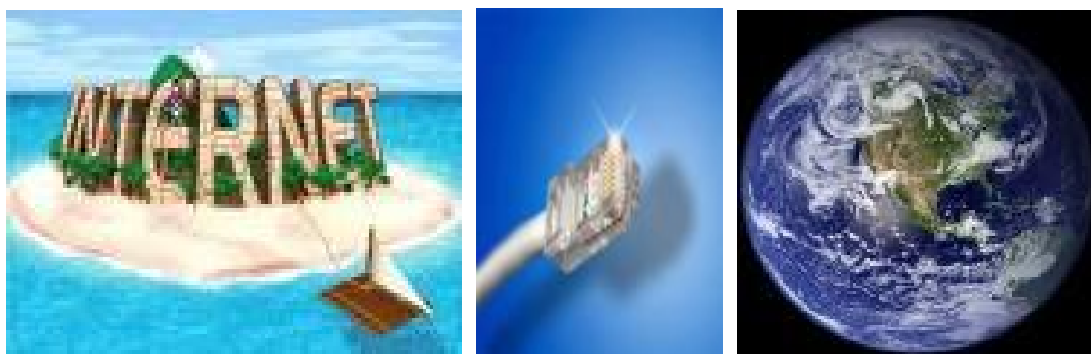
O ciberespaço: o mundo encolheu

Imaginar o homem sentado diante de uma tela de computador enviando e recebendo informação escritas, imagens, sons, gráficos, em tempo real, é algo que, ainda, digital muita gente duvida que ocorra. Das primeiras pinturas rupestres até o advento da Internet, e tudo o que o ciberespaço proporciona à humanidade, muitas águas passaram por baixo da ponte. O mundo tornou-se pequeno. Podemos saber o que acontece *on line* nos lugares mais remotos do planeta. As cartas que demoravam meses para serem entregues, quando do seu surgimento na antiguidade, são enviada em uma velocidade maior do que o tempo gasto com um clique no mouse que utilizo. Mas o que mudou de fato?

Olhando o código de qualquer documento disponível na Web, é fácil concluir que a internet não passa de um grande texto, um imenso sistema de endereçamento que opera a desconexão entre a interface e a superfície, aprofundando a “desobjetivação” dos suportes de leitura. Beiguelman (2003:19)



firmar que a Internet é apenas uma mudança de suporte é minimizar a capacidade que essa tecnologia tem não apenas para informar, comunicar, aproximar pessoas, mas, principalmente, de modificar a maneira de como aprendemos e vemos o mundo que nos cerca.



Compreende-se não mais de maneira linear, mergulhamos no ciberespaço e, se não formos diligentes, corremos o risco de nos afogarmos no mar de informações.

Essa tecnologia altamente sofisticada consegue reunir tudo o que se inventou durante toda a história da humanidade em termos de comunicação. Podemos enviar cartas e bilhetes, através de e-mails, podemos participar de conferências com pessoas do outro lado do mundo em tempo real, com imagem e som de alta definição, ler periódicos, artigos científicos e toda sorte de bobagens. Podemos, inclusive, conhecer pessoas, iniciar novos contatos e, se a educação não for nosso forte, podemos terminar relacionamentos profissionais ou afetivos.

O ensino a distância é uma realidade, o que comprova que mudamos a maneira de aprender: somos forçados a sermos autônomos e criativos diante de um PC.

É importante também ressaltar que a apresentação de uma mesma informação através de canais diferentes pode auxiliar alunos que tenham estilos cognitivos distintos: a facilidade de reter informação verbal ou visual pode variar de um indivíduo a outro. Marcuschi & Xavier (2005:153)

Ainda sobre o ensino à distância, tão discutido e muitas vezes questionado, e a autonomia que se espera do estudante, leiamos o comentário abaixo:

uma das características da aprendizagem a distância é que ela atribui um papel mais importante ao exercício da autonomia no aprendiz, mas por uma razão totalmente diversa. Segundo Holmberg, o fato de não estar em contato espontâneo com um formador obriga o aprendiz a assumir uma parcela maior da iniciativa em sua própria aprendizagem, por exemplo, estruturando

seus períodos de estudo ou mesmo alterando a seqüência dos conteúdos que lhe são propostos. Daí a sugerir que a aprendizagem a distância recorre a estratégias de autoformação que o professor presencial, por sua natureza, tende a desencorajar há apenas um passo. Alava (2002:74-75).

São inúmeras as possibilidades que a internet oferece para o homem. Nossa espécie encontra-se em um novo tempo: a era da informação, da comunicação globalizada, da informação instantânea. O autor divide a autoria com o leitor, co-autor de muito do que se escreve. Vivemos no admirável *hipermundo novo*.

Iniciamos nossa pesquisa com as pinturas rupestres sendo utilizadas como uma tecnologia que permite que os homens se comuniquem com seus semelhantes, no caso, através de uma arte, sem interações face a face. Na modernidade, ou como afirmam alguns, na pós-modernidade, essa comunicação de dá de forma interativa, como bem afirma Domingues (1977:22).

A arte interativa é totalmente avessa ao princípio de inércia. Surge um novo “espectador” mais participativo que através de interfaces tem acesso à obra proposta. São as interfaces amigáveis que permitem as trocas do espectador com as fontes de informação. A contemplação é substituída pela relação.

O avanço das novas tecnologias, no caso específico a internet e tudo o que converge a ela, é irreversível. Essas grandes mudanças tecnológicas, como foi dito, anteriormente, ampliam nossa capacidade de compreensão do mundo. Domingues (1997:15).

A história mostra que as civilizações nunca voltaram para trás, que as descobertas e inventos são acumulados e servem de background para outros inventos. E como decorrência, a vida vem se transformando, com uma série de tecnologias que amplificam nossos sentidos e nossa capacidade de processar informações. E, a mente humana, uma vez que teve suas dimensões ampliadas, não volta mais a seu tamanho original.

Fechando as janelas

Neste percurso que fizemos “das cavernas a um pequeno quarto com um computador interligado ao WWW”, podemos perceber que a maneira de o homem interagir com o seu semelhante utilizando uma tecnologia que não necessite que ele esteja geograficamente presente no mesmo local do co-enunciador tem a mesma essência. O que mudou, de certa forma, foi o suporte utilizado para a comunicação, ou seja, desde as cavernas até os nossos dias, o homem utiliza algum tipo de tecnologia que permita a sua comunicação. Vejamos o que diz Beiguelman (2003:19) sobre esse tema:

Olhando o código de qualquer documento disponível na Web, é fácil concluir que a internet não passa de um grande texto, um imenso sistema de endereçamento que opera a

desconexão entre a interface e a superfície, aprofundando a “desobjetificação” dos suportes de leitura.

Quando falamos de ciberespaço podemos afirmar que a intenção é a mesma de nossos antepassados: informar e ser informado, entretanto essa nova mídia abre novos campos de conhecimento. Os homens e mulheres lêem o mundo de uma maneira nova o que implica afirmar que a maneira de aprender, de compreender a natureza que nos cerca mudou.

Essa mudança de compreensão do mundo que a internet imprime a nossa espécie pós-moderna, não anula o fato de que na pré-história o enunciador já utilizava tecnologias para se fazer entender sem estar próximo de co-enunciador. Podemos, assim, afirmar que essa tecnologia não é uma característica do pós-humano, mas sim do homem e da mulher, de todas as épocas, de todos os lugares deste planeta que encolheu ante a derradeira tecnologia que chamamos Internet.

Referências

- ALAVA, Seraphin (org.). 2002. Ciberespaço e formações abertas; RUMO A NOVAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS? Porto Alegre: ARTMED.
- BEIGUELMAN, Giselle. 2003. *O livro depois do livro*. São Paulo: Petrópolis.
- DOMINGUES, Diana. 1997. *A arte no século XXI: a humanização as tecnologias*. São Paulo: UNESP.
- HIGOUNET, Charles. 2004. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola.
- MARCUSCHI, Luiz, Antônio & XAVIER, Antônio, Carlos. (orgs.) 2005. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas e construção dos sentidos*. Rio de Janeiro: Lucerna.